



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à emissora EPTV Campinas

Campinas-SP, 22 de janeiro de 2010

Jornalista: Presidente, a ampliação do aeroporto de Viracopos e a construção do trem-bala são duas obras que vão trazer grande impacto aqui para a nossa região, e pelo menos a ampliação do Aeroporto já tinha sido falada há uns... desde 2006, uns quatro anos, cinco anos atrás. Houve vários obstáculos ambientais, sociais, burocráticos também, mas são obras que fazem parte do PAC. Então, eu queria saber com o senhor com qual cronograma o senhor está trabalhando?

Presidente: Olhe, nós temos a determinação, já desde 2006, de fazer uma profunda reforma nos aeroportos brasileiros, em todos eles, sobretudo nos principais aeroportos. Começamos a fazer, em muitos aeroportos, terminais. Aqui mesmo, em Viracopos, foi feito um terminal de carga. Agora, quando nós começamos a pensar em fazer uma nova pista e fazer com que esse aeroporto passe a ser um aeroporto importante para passageiros e até para voos internacionais, combinando com o trem-bala, isso levou um tempo maior, porque nós estamos discutindo, foi encomendado ao BNDES um estudo para que a gente possa fazer uma concessão desse aeroporto por um determinado tempo.

E nós temos, agora, que fazer com muita urgência porque tem a Copa do Mundo em 2014. Na última terça-feira eu fiz uma reunião com o Ministro da Defesa, com o Presidente da Infraero, com a ministra Dilma Rousseff, para que... junto com o BNDES, para que nós possamos agilizar o mais rapidamente possível o projeto do aeroporto de Viracopos; o projeto do aeroporto de Cumbica, que tem que passar por uma reforma e fazer o terceiro terminal; o



aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro. Nós, obrigatoriamente, vamos ter que trabalhar com urgência para deixar esses aeroportos prontos para 2014.

Jornalista: Aeroporto e trem-bala também?

Presidente: E o trem-bala. O trem-bala, nós estamos apenas com uma pendência, que eu devo conversar na segunda-feira com o prefeito Kassab, que é o Campo de Marte, em São Paulo, que o governo tem interesse em utilizar para uma coisa, o prefeito tem interesse em utilizar para outra. Ele era do estado, mas em 1932, como a Federação ganhou a Revolução, portanto, ele é da União, o estado está brigando na Justiça. E para que ele possa ser mais viável, é preciso que a estação seja ali no Campo de Marte, em São Paulo. Então, segunda-feira eu vou conversar com o prefeito Kassab, e eu penso que a gente acertando isso, a gente já pode, dentro de dois ou três meses, colocar em licitação o trem-bala.

Jornalista: Desde 2004, o Brasil comanda a Missão de Paz da ONU no Haiti, tanto para a segurança quanto para a estabilização do país. E estava indo tudo bem, a missão estava sendo bem cumprida, até o terremoto. Agora, quanto o Brasil pode e pretende ajudar em termos de recursos, de homens, de profissionais para esse país, por quanto tempo? E depois que passar esse momento emergencial de socorro e de reconstrução, o Brasil também pensa em planos para ajudar o Haiti a se tornar autossuficiente e a caminhar com suas próprias pernas?

Presidente: Olha, primeiro, Cristina, tem duas coisas importantes. O Brasil, hoje, é exemplo no mundo de como uma Força de Paz de estrangeiros em um outro país pode fazer um processo de integração no país. Se você tiver oportunidade de visitar o Haiti, você vai perceber como é que são tratados os



soldados brasileiros pelo povo haitiano, e como é que o Brasil trata o povo haitiano. Ou seja, é como se fôssemos um mesmo povo, é como se não fôssemos países diferentes, apesar de falarmos línguas diferentes.

Então, o Brasil hoje é modelo, no mundo, de como fazer essas Forças de Paz funcionarem sem parecerem intrusas. Os nossos soldados fazem festa de Páscoa, fazem festa de Natal, dão presentes para as crianças. Eu mesmo tenho pedido para algumas empresas que produzem chocolate, mandarem chocolate para as crianças do Haiti, mandar brinquedos para as crianças do Haiti.

Bom, então, nós estávamos com um trabalho extraordinário. Quando o presidente Préval tomou posse, eu disse ao presidente Préval que quando ele tivesse interesse nós tiraríamos as tropas do Brasil de lá. Ele falou: “Pelo amor de Deus, vocês não podem sair de lá tão cedo. Precisam ficar lá mais tempo”. Agora, com o terremoto, a ONU aprovou mais um contingente. Nós vamos aprovar no Congresso, na segunda-feira, mais 1.300 pessoas, mas vamos mandar 900, ou seja, 400 a mais é uma reserva que nós precisamos ter. E o Brasil mandará quantos forem necessários para ajudar a reconstruir o Haiti. Então, a nossa tropa está fazendo um trabalho que é motivo de orgulho para qualquer brasileiro. Eu vou te dar um exemplo: o senador Flávio Arns era um dos críticos das tropas do Brasil no Haiti. Quando, agora, com a morte da dona Zilda, ele foi ao Haiti. Ele me disse, no velório da dona Zilda, que ele agora será o maior defensor da tropa do Haiti... da tropa do Brasil no Haiti, porque ele realmente viu que o trabalho humanitário é excepcional, além do trabalho de segurança. A outra coisa é a construção... a reconstrução do Haiti e o futuro do Haiti. O ministro Celso Amorim está indo para uma reunião de países doadores, no Canadá. É uma reunião de ministros de Relações Exteriores e, possivelmente, depois tenha uma reunião de presidentes dos países doadores, porque é preciso parar de brincar de ajudar o Haiti. Quando nós fomos para lá, havia o compromisso dos países doadores de darem dinheiro para reconstruir



o Haiti, e muita gente falou muito e deu pouco. E nós achamos que agora é para valer. Agora as pessoas têm que dar o dinheiro para a gente reconstruir o Haiti porque agora é reconstruir tudo, praticamente.

O Brasil, que é um país pobre – o Brasil não é um país rico, o Brasil tem um potencial –, o Brasil já deu US\$ 15 milhões. Eu disse ao ministro Celso Amorim que nós poderemos dar mais US\$ 15 milhões, fora o dinheiro que nós mandamos para a tropa e fora o dinheiro que nós vamos aplicar na Saúde. Nós vamos construir 10 Unidades de Pronto Atendimento no Haiti, vamos mandar médicos brasileiros para trabalhar lá, até que a gente possa perceber que o Haiti está pronto para andar com suas próprias pernas.

Jornalista: E existe previsão de o Brasil também ajudar nisso?

Presidente: Existe, existe. Veja, o Brasil tem que tomar consciência – e eu acho que o Congresso Nacional já tem consciência hoje – de que o Brasil é um país grande, portanto, o Brasil tem que ser um país doador. O Brasil não pode funcionar como se fosse um país pobrezinho que não pode ajudar. Pode ajudar, e nós temos que ajudar porque nós aprendemos, desde que nascemos, que é sempre importante a gente repartir com aqueles que mais necessitam, mesmo o pouco que nós temos.

Jornalista: O Brasil, o governo tem investido em ciência e tecnologia para se manter na liderança mundial da produção de etanol a partir da cana-de-açúcar. Inclusive, hoje o senhor veio inaugurar o Centro de Tecnologia de Bioetanol, aqui mesmo em Campinas. O governo espera uma contrapartida dos empresários para esses investimentos? E outra coisa: sempre que há um interesse comercial pelo açúcar no mercado externo, há oscilação de preço do álcool aqui no Brasil, os consumidores se frustram porque investiram nessa possibilidade de ter o seu carro a álcool. O Brasil também pensa em criar



políticas no mercado interno para regular, já que está investindo tanto dinheiro?

Presidente: Cristina, duas coisas importantes na tua pergunta. A primeira é esse Centro de Tecnologia do Bioetanol. Para nós é uma coisa muito importante porque esse Centro vai pesquisar aquilo que ainda não foi pesquisado. E os empresários, a grande contribuição que eu espero dos empresários é que eles deem entrada, no Ministério da Ciência e Tecnologia, para pedir o dinheiro que nós temos para oferecer para eles. Quando nós criamos o PAC da Ciência e Tecnologia, nós disponibilizamos uma quantidade de dinheiro para que o empresário que quiser pegar o dinheiro para fazer pesquisa, no CNPq, ele pode pegar o dinheiro. Então, muitas vezes, a gente discute inovação, nós temos o dinheiro para financiar e as pessoas ainda não pegam o dinheiro. Eu tive uma reunião com o Presidente da CNI e ele foi pedir, para mim, ajuda para que a gente incentive os empresários a acreditarem que a chance do progresso da sua empresa está no investimento em novas tecnologias, em inovação. Portanto, eu espero que esse centro de pesquisa seja uma coisa motivadora para os empresários.

Com relação ao etanol. Veja, eu... Nós precisamos apenas entender o que está acontecendo neste momento, no Brasil. Há duas explicações. Ainda ontem, na reunião ministerial, eu almocei com o ministro Guido e com o ministro Reinhold Stephanes para discutir essa questão do etanol. Nós temos 100 milhões de toneladas de cana que não puderam ser cortadas, por causa da chuva. Apenas 4% da cana que produzia etanol foi utilizada para produzir açúcar. Portanto, não deveria ser esse o problema da falta de etanol. Nós tomamos a decisão de reduzir de 25% para 20% e, ao mesmo tempo, nós estamos aguardando que... terminou a entressafra, nós vamos resolver o problema do etanol no Brasil. Se tivermos falta de etanol, nós vamos importar etanol, o que é uma lástima, porque eu tenho dito aos empresários brasileiros, e nenhum empresário do etanol pode se queixar do meu governo. Na verdade,



nós reconquistamos a cidadania que o setor tinha perdido durante muito tempo, e eu quero que eles se comportem como empresários de energia. Eles não podem ser empresários quando interessa serem empresários, e serem produtores agrícolas quando interessa ser produtores agrícolas, sobretudo na produção de açúcar.

Disse, ontem, ao ministro Reinhold Stephanes, disse ao ministro Lobão, de Minas e Energia, que nós vamos ter que criar um estoque regulador do etanol no Brasil, porque na medida em que a gente transforma o etanol em combustível, na medida em que a indústria automobilística brasileira produz 90% dos carros *flex fuel*, nós temos que ter responsabilidade de garantir a você e a mim que não faltará esse combustível. É esse o compromisso do Estado brasileiro com a sociedade brasileira, e esse compromisso tem que ser assumido também com os empresários. Ontem, no almoço, eu pedi ao ministro Reinhold Stephanes e ao ministro Guido que nessa semana, agora, eles convoquem para uma reunião os empresários do setor para que a gente possa explicar à população brasileira o que está acontecendo. E todo mundo já sabe que... você... o álcool, ele só é vantajoso se ele custar 70% do preço da gasolina. Se ele custar um pouco mais, não é vantajoso utilizar álcool. E os empresários sabem que da mesma forma que o governo aumenta a quantidade de etanol na gasolina para ajudar o setor, nós também poderemos diminuir quando nós acharmos que eles estão trabalhando contra o setor... contra a população, faltando combustível. Então, é uma coisa que nós temos que tratar com muita seriedade. Tivemos o problema de excesso de chuva em São Paulo...

Jornalista: Por falar em chuva, o governo investiu milhões de reais... Investiu, não. Liberou milhões de reais para Angra dos Reis, para reconstruir as casas por conta dos deslizamentos, para a reconstrução do centro histórico de Paraitinga. Aqui no estado de... aqui na nossa região e também no Sul de



Minas muitas cidades sofreram com as enchentes. Aqui na nossa região, a pior foi Capivari, com 3.500 pessoas fora de casa, muitas ainda estão em abrigos, centenas estão em abrigos. Aí começa-se uma discussão: quais são os critérios adotados pelo governo para a liberação dessas verbas? Porque Capivari não chegou a receber verbas do governo federal. Que parâmetros que vocês levam em consideração na hora de liberar essas verbas?

Presidente: Veja, não tem parâmetro. A única condição para o governo liberar o dinheiro é o governador pedir, é o governador apresentar o estado de calamidade em que estão as cidades e pedir o dinheiro. Mas aqui para São Paulo, hoje nós estamos assinando uma medida provisória, liberando recursos para várias cidades que foram vítimas das enchentes. Porque tem todo um critério, ou seja, o prefeito tem que decretar que a cidade está em estado de calamidade, e depois tem que ter os projetos, porque o dinheiro não é do governo federal, o dinheiro é do povo brasileiro. Então, para você dar, você tem que prestar contas depois ao Tribunal de Contas da União. Mas hoje eu estarei liberando... de tarde você já vai ter a notícia de quanto nós estaremos liberando para a região do interior de São Paulo, que sofreu os efeitos da enchente.

Jornalista: Outra promessa, na época que o senhor fazia campanha para a Presidência da República, era fazer a reforma agrária. O que a gente percebe é que muitas invasões estão migrando de uma região para a outra, pessoas que foram assentadas voltam a participar de movimentos de invasões. Qual é a dificuldade maior de conseguir fazer o assentamento dessas famílias, de fazer, realmente, a reforma agrária?

Presidente: Cristina, não tem dificuldade. Veja, nós, no meu governo assentamos, já, 574 mil famílias. Sabe o que significa isso, Cristina? Sessenta por cento de tudo o que foi assentado em toda a história do Brasil. Agora, o



que nós estamos trabalhando com mais afinco, agora, é em garantir que as pessoas que já adquiriram as terras possam se tornar produtivas. É por isso que nós estamos colocando, do Orçamento, R\$ 600 milhões só para a assistência técnica no campo. E, ao mesmo tempo, quando nós fizemos no ano passado o programa Mais Alimentos para financiar tratores, nós disponibilizamos R\$ 25 bilhões para financiar tratores de até 78 cavalos. Se você conversar com a indústria de tratores, eles vão te dizer que já foram vendidos 21 mil tratores e que 80% da produção de tratores é por conta desse programa Mais Alimentos, que tem endereço certo: a agricultura familiar.

Aqui em São Paulo nós temos um problema, porque aqui tem o Instituto de Terras, e aqui você sabe que tem conflitos entre o Movimento Sem Terra e o governo do estado, que vem desde o Pontal do Paranapanema. Você é muito nova, mas eu vou te dizer uma coisa: em 1982, quando o governador Montoro foi eleito governador de São Paulo, ele é que começou a briga para reaver as terras que tinham sido griladas no Pontal do Paranapanema. Desde [19]82, já estamos em 2010, você percebe quanto tempo faz e que não foi resolvido ainda. Então, aqui em São Paulo, muitas vezes a briga é diretamente com o Instituto de Terras do estado de São Paulo e não com o governo federal.

Jornalista: Só uma perguntinha para o Luiz Inácio brasileiro: o senhor foi a pessoa, o brasileiro que mais quis estar onde o senhor está, pelo menos o que mais tentou estar, e conseguiu estar. E entrou para a história, está com o maior índice de popularidade que qualquer outro presidente esteve, conseguiu muitas coisas, principalmente na área social. Eu queria saber assim: o homem brasileiro, Luiz Inácio, o que ele sonhou muito, lá atrás, que acreditava que era possível, queria muito fazer, mas que não conseguiu? Tem alguma coisa que o senhor sonhou muito fazer e não conseguiu fazer?

Presidente: Se você pegar uma campanha que eu fiz em [19]82, quando eu fui



candidato a governador de São Paulo, me perguntaram por que eu queria ser presidente da República. Eu falei: eu queria ser presidente da República para ver se eu sou capaz de fazer aquilo que eu quero que os outros façam. E o que eu estou aplicando na Presidência da República, Cristina, é exatamente aquilo que eu aprendi na minha convivência no Brasil, conversando com o povo, participando do movimento social. Hoje eu posso te dizer que é mais fácil governar no Brasil se você envolver o povo. O Brasil seria muito difícil de governar se você continuasse governando para os ricos e deixando os pobres de lado.

Quando veio essa crise econômica, em 2010 [2009], quem sustentou a economia brasileira foi o mercado interno, e quem sustentou o mercado interno foi a parte mais pobre. Você veja que a pesquisa, no mês passado, mostrou que no Norte e no Nordeste, as classes D e E consumiram mais do que a classe A da região Sudeste. Ora, na medida em que você consegue fazer com que um pouco de recurso chegue às pessoas mais pobres e elas viram consumidores, você está igualando a sociedade, ajudando os pobres, está dando mais garantia para a classe média, porque quando os pobres tiverem mais possibilidade, é a classe média que trabalha no comércio, que trabalha nas empresas, que trabalha nos escritórios... e aí todo mundo vai ser mais brasileiro, todo mundo vai ser mais feliz.

Então, o que nós provamos, na verdade, foi a possibilidade de combinar o crescimento econômico com a distribuição de renda porque, até então, o que os economistas diziam?: “Primeiro tem que crescer para distribuir”. É como se você tivesse, em casa, uma travessa cheia de bolo, você estivesse fazendo outro bolo, e teus filhos quisessem um pedaço de bolo e você falasse: “Não, eu vou ter que fazer o outro, encher essa travessa, enquanto isso vocês vão ficar com fome”. Quando seria muito mais fácil você pegar um pedacinho do que já estava pronto, dar para cada um e continuar fazendo o outro. O que nós estamos fazendo é isso: é subindo um degrauzinho de cada vez, mas



permitindo que a parte mais pobre da população suba esse degrau. Não tem nenhum milagre.

Eu digo sempre para as pessoas que eu não aprendi economia, apesar de ter sido dirigente sindical, de ter aprendido na prática muita coisa, mas eu aprendi foi com a minha mãe. Você sabe que as pessoas mais pobres vão ao açougue, compram um bife, depois chegam em casa, pegam um martelo de ferro ou de madeira e batem, batem, batem, aquele bife fica deste tamanho. Aí parte e dá um pedacinho para cada filho. É isso o que eu faço. A minha economia é a economia de uma mãe. A gente não governa com a cabeça, só. A gente tem que governar com o coração, porque é preciso saber que todos têm direito de sobreviver neste país.

Jornalista: Mas realizou o seu sonho?

Presidente: Estou realizando. A verdade é que eu acho que tem muita coisa que a gente não conseguiu fazer ainda, mas eu acho que nós fizemos mais do que qualquer pessoa esperava de nós.

Jornalista: Obrigada.

Presidente: Obrigado.

(\$31DHJLP)